

Parentalidade: aspectos contemporâneos – diferença entre menina e menino

Ensaio | Escrito a partir de uma palestra no evento A Brasileira na Cultura, promovida pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, setembro 2014.

Celso Gutfreind

Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Resumo: Neste artigo, o autor aborda o tema da parentalidade sob o ponto de vista de sua construção como conceito psicanalítico, incluindo a sua origem, na França, nos anos 50. Alguns autores importantes para este campo são retomados, e o tema se detém igualmente no interesse do cruzamento da parentalidade com outros assuntos de relevância para a clínica analítica, em especial a diferença de gênero e os aspectos contemporâneos do cenário onde hoje a parentalidade é exercida. Tais aspectos recebem uma reflexão que é exemplificada com uma vinheta de um atendimento clínico de uma criança, onde o desafio para o exercício de ser e tornar-se mãe e pai aparece em primeiro plano.

Palavras-chave: Aspectos contemporâneos. Diferença de gênero. Parentalidade.

Os edifícios assumiram o narcisismo de seus arquitetos, a egolatria do nosso olhar. Uma janela se namora no reflexo da outra – se há alguém por trás delas, como saber? (Luís Henrique Pellanda/Asa de Sereia)

Poucos pais se contentam em ficar sentados nos bancos do parque, como faziam os pais de tempos passados, deixando as crianças se virarem por conta própria. (Hara Estroff Marano/De olhos bem fechados)

Há três tópicos no título desta intervenção. A parentalidade, sobre a qual falaremos o tempo todo. Os aspectos contemporâneos dela sobre os quais vou me deter na maior parte do tempo. E a diferença entre menina e menino, do qual direi tão somente uma palavra, deixando o principal para a minha colega Astrid, que é menina. Eis, desde já, uma diferença. Meninas são mais organizadas, fiéis (ao título) e inteligentes. Nem sempre, mas a Astrid é. Portanto, sobre essa diferença, tudo com ela. Meninos, apesar (ou por causa) dos hormônios, podem ser humildes. Ou metidos. Pretensiosos.

A propósito da parentalidade, ela constrói-se fundada sobre as diferenças: de idade, de sexo, de gerações, segundo Houzel (1999), autor importante no ramo.

Por isso, meu narcisismo pessoal deu trela para o meu narcisismo profissional quando Joana, de 12 anos, falou a propósito de sua boca inchada no sentido manifesto e de sua difícil passagem adolescente, no sentido latente:

– A verdade é que o Lopes (dentista que retirara o seu ciso) é um maneta. Acho que porque ele é velho. Reparou que só tem velho na minha vida? Dentista velho, pai velho, padrasto velho, mãe velha. Só a madrasta é nova, só um pouco mais velha do que eu, mas fala como uma velha...

Interrompi ou continuei o seu discurso:

– Analista velho...

Ela riu e calou, consentindo.

Quase quarenta anos de idade (de diferença) no separavam. Isso significava, entre outras péssimas novidades, incluindo uma tendinose no meu ombro esquerdo e duas hérnias inguinais, que a morte estava mais perto para mim do que para ela. Restava-me agarrar naquele sucesso terapêutico, quando, depois de cinco anos (desde quando eu era um pouco menos velho), nós pudemos construir alguns alicerces necessários para a construção de uma parentalidade mais estruturante no difícil contexto de uma família recomposta. Não que em outros seja mais fácil [...]. Para Freud, é até mesmo impossível (apud SOUSSAN, 2004).

Tais alicerces incluíam, sobretudo, a noção de diferença proposta por Houzel. Sim, ela era jovem. Eu, velho, pelo menos para ela. Lembrei-me de quando a teoria da parentalidade entrou na minha vida. Eu era mais jovem, vivia na França e estudei que ela nasceu como *maternalité* ou maternalidade, quando Racammier estudou a fragilidade psíquica de mulheres que se tornavam mães. Hoje diversos autores o retomaram com outros nomes como *transparência psíquica* (BYDLOWSKI, 1997).

Quando o termo foi ampliado e a palavra paternalidade foi difundida, incluindo o pai, eu estava lá. Cheguei a participar da tradução brasileira para esses trabalhos (SOLIS-PONTON, 2004). Mais do que para Joana, eu era meio velho mesmo, e narcisismo nenhum aplacaria esta dura realidade.

Entre seus aspectos contemporâneos, penso que é importante dizer que vivemos numa sociedade que com frequência apaga as diferenças. Não sabemos bem as



origens disso. As hipóteses vêm apontando para o narcisismo desenfreado dos novos tempos. Repletos de vazio, tempos de pouco tempo, tempos de espaços exíguos oriundos de relações menos reais, tentaríamos preenchê-lo, voltando-nos para nós mesmos, abrindo mão do que é mais verdadeiro e eterno no sentido de produzir realização afetiva. Ou memória, esta nossa única chance de viver para sempre ou, pelo menos, no sempre que nos cabe de vez em quando: o encontro com o outro, o qual, faltante, retroalimentará o ciclo do vazio.

Ora, se somos pouco capazes de viver o instante verdadeiro, se a cultura e o entorno não colaboram com isso, tapamos o buraco em busca da eternidade. Envelhecer torna-se, então, proibido. Morrer, menos ainda. Resultado: somos como se fôssemos todos jovens, o que é péssimo para a expressão do olhar, repleto de botox, e o movimento da boca, repleta de preenchimento (mas no fundo, onde precisa, não preenche). E, claro, para a parentalidade que, como vimos com Houzel (1999), funda-se na diferença entre gerações, idades, sexo.

Dita a palavra sobre a diferença de menina e menino, apagada como as demais diferenças, quero abordar, conforme o prometido, a contemporaneidade em si. Quanto ao conteúdo, começo dizendo que não sou daqueles que dizem: – Ah no meu tempo – quando eu era jovem – era melhor.

Quando eu era jovem, era melhor e pior. De pior, a infância seguido era hospitalizada. Eu mesmo fui uma vez para extirpar um apêndice que hoje se retira com muito menos frequência e talvez não estivesse aqui como psicanalista se não tivesse sido hospitalizado para sair, dias depois, sem apêndice e com muito menos inocência de quem olhou a cara da falta de empatia. Bem, ser psicanalista é bom em vários momentos, mas ser hospitalizado com frequência certamente não era.

Hoje a tecnologia e o conhecimento científico permitem que muitas hospitalizações possam ser prevenidas desde muito cedo ou nas vésperas delas. Isto é de fato melhor do que quando éramos jovens.

A mesma tecnologia, aplicada à escola, permite avanços importantes pedagógicos e na comunicação. É boa, enfim.

Não vou me deter nisso. Nem no reconhecimento dos maus tratos e do abuso, outro aspecto pra lá de positivo na contemporaneidade da infância. Por ora, basta dizer que hoje, enfim, é melhor do que ontem para ficarmos brevemente só nesses aspectos.

É, portanto, melhor e é pior e, para o pior, fiquemos na mesma tecnologia. Que ajuda e atrapalha. Aliada à falta de segurança, jogou nossas crianças de classe média atrás das grades dos condomínios, privando-as da rua, espaço importante de brincadeira, processo importante de construção do desapego, parte importante da parentalidade. Resultado: menos encontros reais. Quanto às classes sociais menos abastadas, há mais pátio e mais rua, o que não garante a infância, roubada com frequência pela pobreza e o trabalho infantil. Ou seja, em termos de diferenças de classes e sua repercussão em nossas crianças, nada parece ter mudado de um tempo para o outro.

Se retomarmos o ponto anterior, o do narcisismo inchado, chegaremos infelizmente ao que Golse e Braconnier (2008) sintetizaram como a criança *sem direito à infância* como um traço negativo da contemporaneidade de jovens com menos tempo e espaço e prejudicados na necessidade de brincar, além de instigados, além da conta, à *performance* e à preparação de um futuro em detrimento do presente, único tempo real. No meu tempo, portanto, era melhor.

Ainda sobre o efeito negativo da tecnologia e talvez aqui, novamente, junto do narcisismo, confrontamo-nos com frequência com situações de adição como forma de preencher vazios. Nos adolescentes, aparece no álcool e/ou outras drogas. Nas crianças, sobretudo com o computador, este mesmo que, por outro lado como vimos, é muito legal.

Lembro-me aqui da mesma Joana, adida clássica de *games*, capaz de preencher o vazio do dia com cliques incessantes noite adentro e que, ainda no início de seu tratamento, enfureceu-se quando limitei o tempo de usar a máquina durante a consulta. Ainda não tinha me chamado de velho, mas não lhe faltaram outros recursos linguísticos para me ofender. Acolhida na raiva e no *palavraredo*, ela falou:

– O que vamos fazer, então? Ficar sentindo tédio?

– Que grande ideia, respondi na hora, correndo o risco de ser ofendido novamente, mas vibrando com a simplicidade genial de uma menina que compreendeu o sentido principal da parentalidade, da educação, da psicanálise e de tudo o que envolve a lida com uma criança: ensinar-nos a nos confrontar com o tédio e o vazio da existência para viver de tentar preencher a falta e a ambivalência, critério hoje valorizadíssimo como baluarte da cura analítica.

Joana nos inspira, pois dela veio o arremate desta intervenção sem arremate, já que estamos no tempo presente e como concluir uma reflexão sobre ele que não seja de forma falsa em uma solução de compromisso com o encerramento [...].

Se Joana ajudou-me a encerrar (desapegar-me), imagino que eu tenha proporcionado o mesmo para ela no terreno transferencial de uma parentalidade sempre disposta a (re)edificar-se.

Parenting: contemporary aspects – difference between girl and boy

Abstract: In this paper, the author addresses parenting from the standpoint of its construction as psychoanalytic concept, including its origin in France in the 1950s. The opinions of some important authors within this field are drawn upon, and parenting is given the same status as other topics that are relevant to analytical clinical practice, especially regarding gender difference and contemporary aspects of parenting. These aspects are discussed and illustrated by a child's clinical case vignette, in which the challenge to be and to become a parent is brought to the forefront.

Keywords: Contemporary aspects. Gender difference. Parenting.

Referências

- BEN SOUSSAN, P. S'il vous plait, dessine-moi un paren. In: **Spirale**, Paris, n. 29, p. 33-45, 2004.
- BYDLOWSKI, M. **La dette de vie**: itinéraire psychanalytique de la maternité. Paris: Puf, 1997.
- GOLSE, B.; BRACONNIER, A. **Nos bébés, nos ados**. Paris: Odile Jacob, 2008.
- HOUZEL, D. **Les enjeux de la parentalité**. Paris: Érès, 1999.
- MARANO, H. E. De olhos bem fechados. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 fev. 2005.
- PELLANDA, L. H. **Asa de Sereia**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- SOLIS-PONTON, L. A construção da parentalidade. In: SILVA, M. C. P. (Org.). **Ser pai, ser mãe – parentalidade**: um desafio para o próximo milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Victor Lourenço

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano 812 / 505
90520-050 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: celso.gut@terra.com.br